



Aspectos da Semana Santa através do estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVIII ao XX)¹

Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG - CBHA

Contextualização

Contemplamos as manifestações da religiosidade católica por ocasião da Quaresma e Semana Santa, custeadas pelas irmandades do Santíssimo Sacramento, agremiações que se abrigavam exclusivamente nas igrejas paroquiais. Os ritos comemorativos da Paixão de Cristo (tanto os litúrgicos quanto os paralitúrgicos) constituem momento excepcional, dentro do que se concebe como pompa barroca. Nessa cultura houve uma tendência para se investir bastante no sagrado, uma prodigalidade nos gastos, sobretudo na Quaresma, tempo propício para a interiorização psicológica e exteriorização, penitência e convívio social, fortalecimento da fé e das práticas de sociabilidade confrariais. Nesse tempo excepcionalmente forte ocorria a desobriga (preceito da confissão e da comunhão quaresmal), através da qual se arrolava todos os membros dos fogos das freguesias, atividade feita pelos reverendos vigários e coadjutores. As cerimônias quaresmais demandavam sistematicamente a atuação de oradores, músicos, escultores, pintores e oficiais mecânicos, constituindo um verdadeiro fenômeno cultural. Com a presente exposição fechamos uma coletânea de estudos dirigidos ao inventário dos ritos litúrgicos e fora da liturgia promovidos por irmandades empenhadas nas cerimônias quaresmais, a saber: Santíssimo Sacramento, Senhor dos Passos², ordens terceiras de São Francisco³ e de Nossa Senhora do Carmo⁴, atividade esta que faz parte do

¹ Siglas utilizadas: AEAM (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana); ACMBH (Arquivo da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte), APM (Arquivo Público Mineiro); APSAT (Arquivo Paroquial de Santo Antônio de Tiradentes), APNSC (Arquivo Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto), APNSP (Arquivo Paroquial de Nossa Sr^a do Pilar de Ouro Preto), REB (Revista Eclesiástica Brasileira), IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Sou grata a Flávia Klausling (FAPEMIG) e Alex Fernandes Bohrer (CNPq), bolsistas de Iniciação.

² CAMPOS, Adalgisa Arantes. Piedade barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. IN: PEREIRA, Sônia Gomes (org). *Anais do VI Colóquio luso-brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro de História da Arte/ PUC-Rio, 2004. ISBN 85-87145-12-6 p. 17-31.

³ CAMPOS, Adalgisa Arantes. As ordens Terceiras de São Francisco da Penitência nas Minas Coloniais: cultura artística e procissão de Cinzas. IN: *Revista de Imaginária Brasileira*- UFMG. Belo Horizonte, 01 (2001): 193-199; As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: cultura artística e Procissão de Cinzas. IN: *Estudos de História*. Franca/SP: v.6, n.2, p.121 - 134, 1999.

⁴ Sobre os terceiros carmelitas cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Cultura artística e calendário festivo no barroco luso-brasileiro: as ordens terceiras do Carmo. IN: *Revista Imaginária Brasileira*- UFMG. Belo Horizonte, 02 (2003):15-25; "A Semana Santa na América portuguesa: pompa, ritos e iconografia" IN: *Actas Del III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano - Territorio, Arte, Espacio y Sociedad*. Sevilla: Universidade Pablo de Olavide - Departamento de Humanidades, 2001. Cd-rom.

projeto intitulado *Pompa e Semana Santa no Barroco luso-brasileiro*, com bolsa de produtividade do CNPq iniciada no ano de 1996.

No séc. XVIII mineiro as irmandades pioneiras na difusão do culto à Paixão foram as do Santíssimo Sacramento. Posteriormente apareceram as Irmandades do Senhor dos Passos e, a partir de meados do XVIII, as ordens terceiras carmelitas e de São Francisco da Penitência, bem como a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco que, independentemente da atuação paroquial, apresentavam no calendário festivo ritos pertinentes à Paixão e à Ressurreição do Cristo, seguindo a tradição lusitana, reavivada após o Concílio Tridentino (1545-1563). Observamos que a partir de meados do XVIII mineiro, houve tendência expressa de proliferação de ritos paralitúrgicos vocacionados à Paixão.

Os ritos ficavam comprometidos se as irmandades se encontrassem empenhadas com obras de renovação da talha e reconstrução da matriz ou, no próprio século XIX, quando, sob os auspícios da modernização, emerge nova concepção de experiência do sagrado mais despojada e racionalizada. A partir de então, a filantropia e a festa cívica atraem os investimentos, sobressaindo também certa indiferença religiosa.

A Semana Santa de fato inaugurava um tempo excepcional, verdadeira suspensão da vida ordinária para toda a sociedade coeva. Até as mulheres que, independentemente da condição social, eram proibidas, expressamente, de transitarem em público e de freqüentar igrejas após a hora do Anjo (18 horas), sob pena de prisão e de multa de 2.400 réis. Eram liberadas dessa interdição por ocasião do Tríduo Sacro: Quinta-feira, Sexta-feira da Paixão e Sábado.⁵

Era um período importante, mais ainda para suas grande promotoras - irmandades do Santíssimo, dos Passos e Ordens Terceiras. Da Quinta ao Domingo da Ressurreição, os membros da elite permaneciam pouco em casa, pois era comum o associar-se a uma ou mais associação leiga. A liturgia da Quinta-feira Santa (missa solene e Adoração do Santíssimo), exigia longa permanência no interior da igreja paroquial ou de capelas de confrarias e, por isso, acabava transformando o dia em preferido para as inquietações, crimes e rebelião de escravos, porque os senhores não podiam comparecer às funções religiosas armados. Era um "dia de igreja", de comoções e de profanações. A legislação dos governadores é abundante, sobretudo de D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, no sentido de se controlar e punir escravos que andassem armados, principalmente em tempo de Semana Santa. As tropas de ordenanças deveriam ser mantidas às portas dos templos para permitirem sossego e proteção para as "*ocupações espirituais dos seus senhores*".⁶

As Irmandades do Santíssimo Sacramento

As irmandades do Santíssimo (que compartilhavam a capela-mor da igreja paroquial com a irmandade da padroeira) destacavam como mais importante a Quinta-feira Santa, dia da instituição da eucaristia. Em todas as quintas, conforme licença específica, pediam esmolas para celebrar missa simples, isto é, *rezadas*, na intenção dos irmãos defuntos. Na Quinta-feira de Endoenças (do latim *indulgentiae*), faziam celebrar missa solene e, conforme permissão diocesana, expunham a Eucaristia à adoração dos fiéis durante três dias sucessivos, até o Domingo da Ressurreição, sob a assistência de pelo menos quatro irmãos que, de dia e de noite, trajados com suas opas carmesins e tochas à mão, deveriam se escalar para esse fim.⁷ A Quinta-feira Santa era dia soleníssimo, sobrecarregado de simbolismo sagrado, considerado feriado após a Exposição do Santíssimo à veneração pública, festa esta considerada das inteligências, bem como da sensibilidade visual.

⁵ AEAM, Edital de Dom frei Manoel da Cruz, 24/05/1760 In: Livro W 41, fl. 138- 139.

⁶ APM, Carta do Conde de Assumar ao governador da Bahia -20/04/1719, SC- código 11, fls. 126r-v, "Carta ao ouvidor geral do Rio das Velhas agradecendo-lhe as boas diligências feitas durante a Semana Santa..." 15/04/1719, fl. 124v, cf. Carta do Conde de Assumar ao mesmo ouvidor sobre a sublevação não acontecida de 1719, fl. 177v. Cf. tb Bando proibindo os negros de portarem armas na Guarapiranga, durante a Semana Santa - 1726, fl. 23ss, SC 27 PCOD; fl. 124v. Cf. tb ANASTASIA. *Vassallos rebeldes*. 1998.

⁷ APM, Compromisso do Santíssimo Sacramento de Congonhas do Sabará, 1726 cap. 13.

Em muitos livros de Irmandades do Santíssimo fica especificado que o encargo financeiro das cerimônias da Semana Santa, incluindo os sermões (Mandato, Paixão, Soledade e Páscoa) e música cabia tão exclusivamente à mesa diretora. Em alguns especifica-se que o montante era dividido em 18 partes: três cabiam ao provedor, três rateadas entre o tesoureiro e o escrivão e as restantes, entre os doze irmãos *mordomos* da mesa administrativa (ou definidores).⁸ A despesa feita era conforme a hierarquia e, na verdade, consistia em um investimento temporal e espiritual. Conferia prestígio aos membros da mesa diretora, no entanto tornou-se difícil de ser encarada na segunda metade do XVIII, quando, então, muitos passaram a não mais aceitar o cargo de provedor, considerado doravante dispendioso. Do Domingo de Ramos ao Domingo da Ressurreição, os irmãos do Santíssimo ficavam alerta, sempre em reuniões, preparando uma lista com nomes de irmãos “zelosos” para a Vigília do Santíssimo Sacramento e do Sepulcro de Cristo e a própria eleição da nova mesa administrativa, geralmente feita nesse período. Procedia-se à distribuição das insígnias (varas e cruzes processionais), da cera (velas) e das tochas, turíbulo, naveta, caldeirinha, pálio, bem como ao feitura de armações efêmeras indispensáveis aos ritos. A preocupação excessiva em fazer as pautas com os nomes de irmãos que assistiriam nas cerimônias, conforme o ideal hierárquico, na verdade mostra o esforço para se evitar que a eucaristia ficasse sem a devida reverência, o que pareceu ser freqüente.

O Santíssimo do Pilar de Vila Rica, irmandade legalizada em 1712, composta de membros expressivos da elite como, por exemplo, o mestre de Campo Pascoal da Silva Guimarães (atuante na Revolta de Filipe dos Santos), desenvolveu festividades acompanhadas da tríade fundamental daquele período – sermão, música e Procissão de Passos em todos os Domingos da Quaresma, com a igreja devidamente ornamentada; Ofício de Trevas na Quarta-feira Santa; Quinta-feira Santa com Lava-pés, sermão do Mandato, Missa Solene e Exposição do Santíssimo; Descendimento e Enterro do Senhor com respectiva prédica na Sexta-feira da Paixão e Domingo da Páscoa celebrado com sermão e procissão da Ressurreição.⁹ A irmandade renovava anualmente as tochas, opas (capas) dos confrades, muito sujeitas ao desgaste pelo uso constante, o círio pascal, símbolo do Cristo Chagado e Ressuscitado, com o qual ainda se faz a Bênção em Sábado de Aleluia, com canto solene do *Exultet*.

Com base no *Livro de Termos, Acórdãos, Receita e Despesa de 1712-1735*, observamos que o Santíssimo do Pilar de Vila Rica rapidamente constituiu rico acervo de obras para o culto, incluindo pálio, cortinas e panos para encobrir altares, púlpitos, sacrário e esquife do Senhor Morto, vestimentas completas para sacerdotes e acólitos, alfaias em ouro e prata, sinos, grande parte encomendada da praça do Rio de Janeiro, conforme expressivas despesas.¹⁰ Em 1714, já contava com duas imagens de Cristo, uma adequada para o Descendimento da Cruz (Senhor Morto com articulações nos braços e bacia), outra do *Ecce Homo* (invocação da Cana Verde), um esquife, uma cruz grande, duas escadas para a crucifixação (uma de José de Arimatéia e outra de Nicodemos), cravos, tábuas para confecção do sepulcro e tecidos de cor roxa para outras armações efêmeras.

No primeiro terço do setecentos mineiro os preços encontravam-se muito inflacionados. Os ajustes da música com os mestres-capelas, pertinente aos Domingos Quaresmais custava cerca 300 oitavas para o Santíssimo da paróquia do Ouro Preto, atividade ainda dominada pelo clero regular nas primeiras décadas, presente em Minas de forma individualizada, visto que houve a proibição do estabelecimento das ordens monásticas naquele território. Gastava-se com o texto cantado em Domingo de Ramos, ofício de Trevas em Quarta-feira Santa, missa solene e exposição do Santíssimo em Quinta-feira de Endoenças e Domingo da Páscoa, os Impropérios específicos da Sexta-feira, canto do *Exultet* em Sábado de Aleluia e as missas cantadas em todos os domingos quaresmais.

Os sermões da Quarta-feira de Cinzas e dos domingos não raro ultrapassaram 32 oitavas cada um. O do Mandato, da Soledade e da Paixão mais caros ainda. Para realizá-los era exigido licença

⁸ Cf. os seguintes estatutos das irmandades do Santíssimo Sacramento AEAM: Itatiaia, 1730, cap. IX; Mariana - 1713, cap. XXXII; Santa Rita Durão - 1736, cap. XII. APM: Congonhas do Sabará (Nova Lima), 1726, cap. XII; Tiradentes - 1738, cap. XII.

⁹ APNSP, Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento, 1721-1744

¹⁰ APNSP, Termos, Acórdãos, Receita e Despesa de 1712-1735. Fls. 153/4.

diocesana (*Constituições*, Tit. XXI - 513- 517), e a avaliação, cerca de 16 oitavas, variava segundo a habilidade do orador e da relevância litúrgica do dia.

Na primeira metade do XVIII mineiro, o sermão oscilou entre 20 e 35 oitavas, quantia que foi decrescendo no terceiro quartel, certamente em razão da estabilização dos preços e da grande oferta de sacerdotes formados pelo Seminário de Mariana. Encontramos referências a sermão feito de graça, devido à piedade do orador. Se pronunciado por frades, o que foi mais comum na primeira metade do XVIII, era mais caro do que por padre secular. Sermões como o do Encontro e do Descendimento da Cruz eram fundamentais, chegando o último a 35 oitavas na primeira metade do setecentos. O pregador deveria se colocar ora na situação de Maria no Calvário, tematizando a dor pela perda do filho, ora de Jesus Cristo – zombado, supliciado –, e também do próprio pecador que deveria sentir comiseração e se entregar emocionalmente. Disputado era o pregador que suscitava a primazia das lágrimas sobre o entendimento.¹¹

No primeiro terço do XVIII, foi comum a presença de clérigos regulares (beneditinos, carmelitas, franciscanos e jesuítas) atuando na música e na prédica quaresmal recorrente: Quarta-feira de Cinzas, os Domingos, Sexta-feira Santa (Paixão e Soledade) e Domingo da Páscoa. Essa cultura elevada (muitos pregadores eram doutores em Direito Canônico) certamente comprometeu as finanças da Irmandade do Santíssimo do Pilar de Ouro Preto que, já em fins do primeiro quartel do setecentos, encontrava-se com alguns *empenhos*.¹²

Não obstante as dívidas, a irmandade do Santíssimo do Pilar de Vila Rica continuou aprimorando seu acervo sobre a Paixão, conforme o *Livro de Inventários 1718-1802*, adquirindo em 1735 a elaborada imagem (ainda existente na matriz), do Cristo Ressuscitado com seu estandarte e seis novos painéis em tecidos com representação da via-crucis, usados “*para cobrir os altares na Semana Santa*”¹³ (fl. 19v); um candelabro “*candeeiro das trevas pintado de preto*”, em 1744 (fl. 34), e mais 70 tochas.

As irmandades do Santíssimo, inicialmente faziam o Ofício de Trevas na Quarta-feira Santa que, em data incerta, se estendeu a outros dias. O rito inspira-se no sofrimento derradeiro de Jesus (Lc 23, 44-46). Solenidade longa, recinto sem iluminação, com assistência musical que alterna o canto em gregoriano (os Salmos e as Lamentações) com a orquestra (os responsórios), englobando matinas e laudes.¹⁴ A cada salmo cantado apaga-se uma vela “Cada huma por sua ves, porque os Apostolos senão apartarão de Christo juntos” (...) “No fim das Laudes se dis o Salmo Miserere, e verso, que significa as lagrimas das Santas Mulheres, que estavam junto ao Sepulcro” (sic).¹⁵

Usa-se o candelabro triangular ou candeeiro das trevas com 15 velas, que significam, segundo frei de Santa Maria, os doutores da Igreja, os apóstolos e por fim Jesus, fogo do amor divino. O apagar de cada uma significa que a luz da fé se extinguiu nos apóstolos, que, atemorizados, desampararam Cristo. A vela superior simboliza o Cristo e a Virgem, pois eles não perderam a fé. Acesa, é apresentada aos fiéis pelo acólito, representando a ressurreição gloriosa. No fim das laudes há um barulho feito pelos próprios fiéis que sapateiam para recordar os tumultos ocorridos na prisão de Cristo, daí o nome Quarta-feira de Trevas.

Ouro Preto possui dois primorosos candelabros triangulares nas duas igrejas matrizes, de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Pilar. Nesta, o rito começou a ser celebrado no ano de 1712, foi suspenso por longo tempo e retomado com irregularidade em 1998, cuja celebração foi em

¹¹ “Porque quando os casos são tristes, os sucessos lastimosos, se a lingua articula palavras para os definir, mais se offendem, do que se ponderão, mais se diminuem, do que se encarecem. Porque as lagrimas, com que se chorão, são as razoens, com que se explicão...(sic)” (Cf. Sermam dos Passos de Christo, pregado em o Convento de Santa Anna da Cidade de Coimbra. Anno de 1683” (Cf. Trofeo Evangelico...1685. p. 168-193. Cit. p. 168).

¹² APNSP, Termos, Acórdãos, Receita e Despesa de 1712-1735. fl. 145.

¹³ APNSP, Inventários 1718-1802. Fls. 19v e 34.

¹⁴ APNSP. Irmandade do Santíssimo Sacramento - Termos, Acórdãos, Receita e Despesa - 1712-1745. fl. 159.

¹⁵ SIGNIFICAÇÃO das Ceremonias da Semana Santa.... por Frey Luis de Santa Maria, 1768. p. 61-65. Agradeço esta fonte à historiadora Maria Verônica Campos.

português. Em 1992 assistimos à cerimônia em Mariana, que havia deixado de fazê-la. Em 1999, ela foi reativada em Diamantina e Santa Luzia. Contudo não há nada que se iguale em pompa àquela feita tradicionalmente na Igreja Matriz do Pilar de São João del Rei, e que envolve a participação de numerosos cantores leigos e a Orquestra Ribeiro Bastos, os quais se exercitam para conservar o domínio do latim – rito estendido às manhãs de Sexta-Feira da Paixão e do Sábado de Aleluia. Das peças necessárias ao culto da Paixão, o candeeiro das trevas é, segundo o pragmatismo dos nossos tempos, o mais ocioso, pois representava gastos em madeira de lei e serviço de entalhador para uso inicialmente restrito ao dia de Quarta-feira de Trevas.

Nas irmandades do Santíssimo era freqüente a Vigília do Sepulcro existente em grande nicho localizado na mesa do altar ou feito através de armação efêmera, reservada exclusivamente à cerimônia do Enterro na Sexta-feira. O tema do sepulcro é usual na pintura de forros e mesmo na talha das mesas de altar e sacrários.¹⁶ Conforme estudo de Isidoro Navarro sobre Sevilha, desde o século XVI a Confraria do Santo Enterro fazia a Crucificação, descravava solenemente o Cristo articulado, depositando-o no colo da Virgem, depois trasladava-o protegido em um pálio que, por fim, alcançava a Catedral, onde se encontrava armado um precioso sepulcro, vigiado pelos soldados.¹⁷

Encontramos informações abundantes e precisas sobre o dito sepulcro na documentação do Santíssimo da Matriz do Pilar, de Vila Rica. Precocemente, nos anos de 1712/3, ocorrem pagamentos de mão-de-obra e pela aquisição de tábuas, latão, argolas, alfinetes, papéis pintados de dourado, figuras desenhadas em papel e escultóricas (roca), linhas, tecidos, goma arábica e outras miudezas: “Por papel que se comprou para fazer a armação do sepulcro...10/8^{as}” ; “Por ouro que se deu a quem riscou os papeis da armação...16/8^{as}”¹⁸ (fl. 154v). Os confrades tentavam ilustrar, a partir da narrativa bíblica, o túmulo que piedosamente José de Arimatéia mandara fazer para Jesus (Mt 27, 57-61).

Em 1715, outras referências: “pedassos de taboa e mais papeis pintados dos que servio no sepulcro”; “Por huma Imaje do Sr. Morto em papel...” (fl. 90). De 1715 para 1716 “Por ouro que se deu a Francisco Gomes carpinteiro de fazer o Sepulcro e outras miudezas... 50/8^{as}” (fl. 163). Observando a documentação dessa irmandade, notamos que não se fazia o sepulcro isoladamente, mas armava-se anualmente todo o cenário da Paixão no interior da Matriz do Pilar. Nessa época ainda não havia em Vila Rica as capelas de Passos (arquitetônicos), construídas mais tarde pela Irmandade do Senhor dos Passos, o que estimulava mais a propensão para a exteriorização e realismo barrocos através dessa via-sacra transitória: “ouro que se deu a Joam Pinto Guedes de ajudar a fazer o sepulcro e passo da Madalena...23/8^{as}”; “ouro que se deu ao pintor Joseph Martins Lisboa da armação de toda a Igreja e Sepulcro...180/8^{as}”.¹⁹ De 1728 para 1729 “Pelo que se pagou Alexandre da Silva de encarnar as figuras do sepulcro...14/8^{as}” (fl. 34v). Interessante observar que a montagem de passos internos com tais características permaneceu até os dias atuais somente em São João del Rei. O uso de materiais precários e descartáveis nas diversas cerimônias estava bem sedimentado nas Gerais. Em ajuste de 1725, a Irmandade do Santíssimo do Pilar de Vila Rica deliberou “fazerem-se as Domingas, e Semana Santa de Quarta-Feira por diante, com armação de papel...”²⁰

A Irmandade do Santíssimo da freguesia de Nossa Senhora do Antônio Dias, de Vila Rica, perdeu parte de sua documentação do XVIII, mas naquela paróquia existia por volta de 1730 a capelinha de

¹⁶ “recomendamos que no tempo da Quaresma se peça pela Freguesia a esmola da cera do Sepulcro, como se cust custuma em toda a parte...” (Cf. cit. AEAM, Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé Catedral, Mariana, 1713 cap. 36). Sobre o sepulcro, que tanto pode estar na mesa do altar ou constituir armação efêmera cf. no AEAM os Compromissos das irmandades do Santíssimo Sacramento de: Aiuroca - 1728 cap. 13, Itatiaia - 1730 cap. 11, ACC - Pilar de Ouro Preto – 1712; APM. Congonhas do Sabará, 1726. cap. 13.

¹⁷ Na manhã do Domingo da Páscoa colocava-se a imagem do Cristo Ressuscitado no mesmo sepulcro para, em seguida, sair na procissão (Cf. NAVARRO. 1982. *La Semana Santa de Sevilla*. P. 60).

¹⁸ TERMOS, acórdãos, receita e despesa - 1712-1735. Fls. 154v.

¹⁹ APNSP, Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento 1721-1744, fl. 4v e ss (1720/21).

²⁰ APNSP, Termos, acórdãos, receita e despesa - 1712-1735, fl. 144v.

Passos, feita pela Irmandade dos Passos da paróquia do Pilar, modernizada no XIX.²¹ Existiu também outra capelinha de Passos perto da antiga Cadeia, que ficava nas proximidades da rua dos Paulistas. Embora jamais tenha tido irmandade dos Passos nesta jurisdição, sabemos que o Santíssimo de Antônio Dias também fazia as cerimônias quaresmais, conforme correspondência datada de 1763, que ela própria expediu para a Ordem Terceira de São Francisco local, ponderando sobre as dificuldades econômicas e solicitando a esmola costumada, visando a celebrar tais solenidades. Nesse ano, os terceiros franciscanos colaboraram com a respectiva matriz com a quantia de 32 oitavas de ouro.²² Não conseguimos precisar exatamente a data em que as duas paróquias ouro-pretanas passaram a se revezar de ano para ano para comemorar a Paixão de Cristo, dentro de uma perspectiva mais paroquial do que confrarial, costume em voga em Ouro Preto. Contudo, tem-se notícia que, já em 1723, as duas paróquias se uniam, pelo menos em dias de procissão, conforme documento da Irmandade dos Passos do Pilar, única dessa devoção no termo de Vila Rica: “Por ouro que se pagou ao Padre Valentim Rodrigues da Costa pelo sermão na saída da procissão em Antonio Dias no dia dos Santos Passos...20/8^{as}”.²³ Interessante observar que dentro da Matriz de Antônio Dias, a irmandade do Senhor dos Passos armava, às suas custas, um passo efêmero, facilitando a eficácia da pregação ali realizada logo à saída da procissão.²⁴ Portanto desde muito cedo houve cooperação entre as duas paróquias, que compartilhavam da mesma atmosfera espiritual por ocasião da Quaresma, ainda que as ruas acidentadas não ajudassem muito.

Em 1763, as irmandades da Matriz do Pilar de Vila Rica, convocadas pela dos Passos entraram em um acordo “por amigável compuzição, evitar os disturbios, q’ possão acontecer, na occazião em q’ hajão de sahir em corpo de Irmandade huas, e outras, e a grande veneração que todos devemos ter, ao Bom Jesus dos Passos”... definindo que, nos cortejos, a irmandade dos Passos teria lugar junto a do Santíssimo, seguindo adiante dela a do Pilar (padroeira), de Santo Antônio e de São Miguel e Almas, já que eram freqüentes as discórdias.²⁵

Na mesma data, a irmandade dos Passos de Vila Rica fez outro termo de composição com as irmandades da Conceição e do Santíssimo da Paróquia do Antônio Dias, estabelecendo que uma e outra “seguiria diante da dos Passos em toda e em qualquer função que se lhe offreser (sic)” para que não houvesse controvérsia.²⁶ Portanto essas duas a seguiriam em procissões que importavam às duas paróquias, dando mais solenidade ao cortejo que, se restrito a uma só irmandade, teria cerca de cem participantes no XVIII e muito menos no XIX. Tal acordo entre confrarias estabelecidas em matrizes, ainda não incluía as ordens terceiras, o Rosário dos Pretos e irmandades de mulatos, localizadas em templos próprios.

No XIX e primeiro quartel do XX, o Santíssimo do Pilar teve como receita: juro de apólices, anuais, jóias de cargo (esmola dos membros da mesa diretora), casas de aluguel nas Cabeças e no Rosário, rendimentos da bacia (peditórios) etc. Gastava muito com a Semana Santa, dentro de uma visão mais paroquial do que confrarial: orquestra, sermões, aluguel de tochas, arrobos e arrobos de amêndoas e fogos de artifício. Destacava o Tríduo da Paixão: possuía “*Hum Passo d’algodão pintado para Porta principal em Quinta-Feira Santa*”, cinco painéis dos Passos para os altares na Semana Santa; comprou flores para os 12 meninos do lava-pés, uma toalha “*grande com renda estreita que serve para o acto do descendimento*”.²⁷ Este rito era feito em colaboração com a Irmandade dos Passos da mesma matriz, que sempre teve acervo maior para realizar a Procissão do Enterro. A partir de 1904, há lançamentos em que o Santíssimo paga uma pessoa para representar o centurião (5\$000), Abraão (5\$000)

²¹ APNSP, Receita e Despesas da Irmandade dos Passos de Vila Rica 1716- 1736. Fl. 17.

²² APNSC, Ordem Terceira de São Francisco de Vila Rica - Avulsos 1744- 1816, 30/01/ 1763.

²³ APNSP, Receita e Despesas da Irmandade dos Passos de Vila Rica 1716- 1736.

²⁴ APNSP. Receita e Despesas da Irmandade dos Passos de Vila Rica 1737- 1777. fl. 105-106.

²⁵ APNSP. Receita e Despesas da Irmandade dos Passos de Vila Rica 1737- 1777. Fl. 87v.

²⁶ APNSP. Receita e Despesas da Irmandade dos Passos de Vila Rica 1737- 1777. Fl. 87v.

²⁷ APNSP. Inventários do Santíssimo do Pilar de Vila Rica 1815- 1886. Fls. 4 e 11.

e a Verônica (50\$000).²⁸ É interessante observar o quanto a irmandade foi atuante no XIX e 1º. quartel do XX, administrando inclusive as reformas na matriz.

A Irmandade do Santíssimo da Vila do Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), já em 1713, fazia os mesmos ritos da congênera do Pilar de Ouro Preto. Em seu *Compromisso* de 1713 igualmente tentou contornar qualquer deficiência paroquial, referindo-se à procissão de Domingo de Ramos, mais própria da alçada do vigário, e recomendando-se aos provedores “não deixem de fazer o ato do lavapés, quando o reverendo vigário o não faça, e faltando a esta cerimônia, ao menos, o reverendo vigário lhe mandara cantar o Evangelho antes de entrar o Mandato” (cap. 32). Conforme reforma de Pio XII, o Lava-pés torna-se facultativo na Missa de Quinta-feira de Endoenças, podendo vir separado, para ambientar o Sermão do Mandato. Como representante do Cristo, o sacerdote celebrante amarra a toalha à cintura, derrama água, lava e enxuga os pés dos apóstolos, em sinal de que derramou o próprio sangue para remir os pecados da humanidade.²⁹

As atividades das irmandades do Santíssimo conjugavam-se com aquelas da alçada paroquial e, no caso específico de Mariana, com as de natureza diocesanas, complementando-as. Em 1745, como Sé Catedral, passou-se a fazer os ritos específicos, como a consagração dos Santos óleos na Quinta-feira Santa, os quais servem ao batismo, ao crisma e unção dos enfermos.

Consultando o *Inventário da fábrica da Cathedral de Mariana*,³⁰ que englobava também os bens da antiga matriz, é surpreendente a quantidade dos objetos ali inicialmente arrolados com detalhes, sob guarda do sacristão-mor ou tesoureiro-mor, bem como a diversidade e luxo de alguns materiais. Parte expressiva do acervo foi adquirida de Lisboa, sobretudo sob os esforços de Dom frei Manoel da Cruz (1748 +1764), quando D. João V ainda era vivo. Eram ornamentos completos nas cores branca, verde, preta, roxa, carmesim e amarela, conforme a exigência do cerimonial, recomendadas pelas *Constituições* de Dom Sebastião Monteiro da Vide de 1707 (Tit. XXII a XXVI). Cortinas, pavilhões, toalhas e cobertas para portas, janelas, óculo, tribuna, balaustradas, bancos, cadeira episcopal, mangas de cadeira episcopal, púlpito, arco-cruzeiro, estantes de altares, altar-mor e, inclusive, os laterais, frontal de altares, sacrário etc. Tudo em grande quantidade, pois, diferentemente de nossa suposição inicial, a fábrica da Sé não paramentava apenas o altar-mor, mas também os laterais, que eram ataviados conforme a cor do tempo litúrgico.

Na época colonial, mais do que nos séculos XIX e XX, foi costume ornamentar ou encobrir totalmente para conotar significação religiosa. Essa decoração simbólica abrangia os vãos arquitetônicos, a talha, o mobiliário, cruzes, alfaias em geral, em uma manifesta oposição ao simples, ao natural e estrutural, preferindo-se sempre as fórmulas artificiais. Até o Antigo Regime, a magnificência foi sinônimo de beleza, havendo um gosto generalizado pelo ornamento, gemas raras, materiais brilhantes de ouro e prata falsos ou realmente preciosos. Os grandes símbolos de valor artístico ainda eram o ouro, a prata e as pedras raras com os quais se fazia a grande arte, objetos únicos, embora já fossem comuns no setecentos mineiro as imitações e vulgarizações com materiais precários. No âmbito da concepção religiosa ainda perdurava a visão neoplatônico-hierárquica herdada de Dionísio (século V), o areopagita, segundo a qual a ascensão espiritual procede do imperfeito para o perfeito, do caos para a unidade, do sensível para o inteligível, do material para o inefável, das trevas para a luz. As vestes expressavam o grau na hierarquia eclesiástica – subdiáconos, diáconos, sacerdotes, cônegos e bispo – as quais encontram-se arroladas no tomo segundo as cores referidas: as dalmáticas, alvas, casulas, capas de asperges ou pluvial. Como complemento para o sacerdote e cerimônia respectiva ao calendário religioso: sapatos, meias, luvas, o amito, as estolas, véus de ombros, manípulos, sanguinhos, bolsas de corporais.³¹ Os tecidos, variados e com matizes, também obedeciam ao princípio hierárquico, do grosso ao mais

²⁸ APNSP. Receita e Despesa do Santíssimo Sacramento 1892- 1927. Cf. anos 1904 a 1908.

²⁹ CF. SIGNIFICAÇÃO das Ceremonias da Semana Santa ... por Frey Luis de Santa Maria, 1768. p. 60.

³⁰ Fábrica é a administração dos bens patrimoniais de igrejas paroquiais, envolvendo tributo para reparos e aquisição de ornamentos cf. AEAM, Inventário da fábrica da Cathedral de Mariana 1749- 1904.

³¹ Cf. DAMASCENO. 1987. *Igrejas mineiras; glossário de bens móveis*.

transparente, do fosco ao mais brilhante, do branco ao mais vivaz: a bertanha, o chamalote, o ruão, a cambraia, o tafetá, o linho, o cetim, a melania, a seda e o damasco. Em termos de guarnições com a finalidade de enobrecer a peça, têm-se as rendas de tear e de bilro, os galões de seda, prata e ouro (falsos ou verdadeiros), franjas e cordões de retrós, espequilhas, borlas e bordados etc. Sanefas, dosséis, pálios, umbela servem para distinguir ainda mais as hierarquias humana, eclesiástica e divina em cerimônias internas ou externas. Os véus, muito finos, eram muitíssimo usados para mostrar a reverência do religioso no trato com objetos sagrados como a custódia com o Santíssimo exposto, o cálice. A profusão de objetos como matracas, pratos, jarras, turíbulos, lâmpadas, tocheiros, castiçais, caldeiras com hissopo, cruces, cálices, vasos, patenas, âmbulas, galhetas, feitos com inúmeros materiais: madeira, madeira prateada, latão, ferro, estanho, cobre, cristal, louça da Índia, prata dourada e prateada etc., dá uma idéia longínqua da cultura que expandiu o estético ao nível máximo, radicalizando essa experiência, colocando em risco o sagrado, que tendia a se encarcerar na matéria.

Através do mencionado *Inventário da fábrica da Sé* de Mariana, observamos que ela reunia inúmeros celebrantes e acólitos e, com rigorosa solenidade, fazia o Ofício de Trevas, para o qual constava ter, desde os tempos de matriz, o apagador de velas e o candelabro triangular. No ano de 1749, possuía 15 livros de cantochão para o coro, dois “*passionarios*”, *Evangelhos* e *Epístola*, dois *Rituais Romanos*, um *Martirologio Romano*, um *Breviário* (Romano), seis Pontificais, oito missais etc. Nos acréscimos feitos em 1755, observamos um livro da Paixão, *outro dos Prefatios e lições da Semana Santa* (fl. 18). Possuía também dois exemplares do *Theatro Eclesiástico*, conjunto de obras que tanto se elevou como diminuiu, devido também aos privilégios dos cantores dos instrumentistas da Sé, que as carregavam para lá e para cá.

Na Quinta-feira Santa celebrava-se Missa solene, rememoração da instituição do sacramento da Eucaristia, do Sacerdócio e da Crisma, com prédica do Mandato do amor fraterno, ocorrendo então a “Comunhão dos sacerdotes” e a Exposição solene do Santíssimo e também a Bênção dos Santos óleos que empregava três âmbulas grandes de prata, referidas já em 1749, perdidas e substituídas por três de estanho, em fins do XVIII. Observando o rol de alfaias, dá para se ter uma idéia de como fora pomposa a dita missa e aquela do Domingo, com grande número de celebrantes.

Para a Adoração da Cruz feita com canto dos Impropérios em gregoriano, às 15 horas da Sexta-feira da Paixão, usava-se uma almofada coberta com um pano de damasco ou de seda com ramos de ouro, sobre a qual ficava a imagem do Cristo para ser venerada pelos fiéis. Litúrgica, esta adoração veio se popularizando desde aqueles tempos mais pelo beijo do que pela liturgia da palavra (BECKHÄUSER; 1985, p. 64). Adorava-se a cruz com três genuflexões, em consideração às três alusões: primeiro, no átrio de Pilatos, onde os sacerdotes zombaram de Cristo; segundo, no Pretório quando foi alvo dos maiores do povo e, depois, pregado na Cruz.

Em Mariana, a Crucifixão, Descendimento e Procissão do Enterro ficavam a cargo da Irmandade dos Passos, existente no templo, bem antes dele se converter em Catedral, mas certamente com a cooperação da Irmandade do Santíssimo. Nesse ano de 1749, considerando apenas a roupa de cor branca pontifical e do cabido havia nove capas de asperges, nove casulas, quatro dalmáticas, oito bolsas de corporais, um dossel para a cadeira episcopal, um pálio com seis varas douradas, três mitras, 140 toalhas (para altares e mão), 41 palas de rendas, 66 amitos, 34 alvas, 12 sobrepelizes, 48 manípulos, 45 corporais, 138 sanguinhos (fl. 1 a 4). A quantia era alta porque atenderia ao bispo, ao cabido, ao vigário geral, bem como aos capelães coadjutores, altar-mor e altares laterais. Quanto aos ornamentos roxos em damasco, nesse mesmo ano, constam cinco capas de asperges, nove casulas com suas estolas e manípulos, duas dalmáticas, oito “bolsas de corporais”, um dossel dentre outros. Em damasco carmesim: oito capas de asperges, oito casulas, duas dalmáticas, sete bolsas corporais, tudo com as devidas guarnições, dentre outros paramentos.

O uso coletivo e freqüente de tais ornamentos por muitos sacerdotes que, não raro, os portavam para suas capelas curadas, deixando, displicentemente, de devolvê-los ou mencioná-los para efeito de tombo, o desaparecimento definitivo ou temporário de alfaias e de livros sagrados, sobretudo quando

o responsável morria no exercício de sua função, suscitando um caos aberto aos especuladores e simoníacos, restringiram o acervo.³² Acrescentam-se roubos já existentes naqueles tempos.

Muitas vezes a peça não havia sido roubada, mas se considerada imprópria para o uso era queimada ou levada à costureira para ser recortada e convertida em outra, ou para servir de mortalha a algum religioso, sendo que o fato não fora devidamente esclarecido ao sacristão-mor. Vaidades e inimizades, muitos conflitos de jurisdição, não se assimilavam com presteza, naqueles tempos, à divisão de funções, ocorrendo aos reverendos fabriqueiros não se portarem corretamente com o sacristão-mor ou tesoureiro-mor, conservando consigo algumas alfaias.

É surpreendente o preço altíssimo de tais tecidos e de suas guarnições. Para se ter uma idéia existiu pano de púlpito franjado estimado em 20 mil réis, casula e estola com galões e franjada de ouro em dez mil réis, uma franja e galão de ouro “de hum manipulo de melania vermelha” pouco mais de 25 mil réis (fl. 55v). Não era à toa que muitas dessas franjas e galões desapareciam, tornando-se a peça defeituosa objeto de reforma e reaproveitamento.

O Bispado de Mariana, além de ter permanecido longos anos vacante, contou com dois bispos que governaram, à distância, por procuração, perfazendo um total 15 anos entre a morte de Dom frei Manoel da Cruz em 1764 e a posse de frei Domingos da Encarnação Pontével em 1779. Esse período anárquico foi suficiente para empobrecer o rico acervo obtido através de Dom frei Manoel da Cruz (fl. 68v). Seus sucessores e devotos pródigos trataram de substituir algumas peças, de acrescentar outras que, entretanto, em 1803, já se encontravam em miserável estado de conservação.

A partir do *Copiador de Cartas de Dom frei Manoel da Cruz 1739-1762*, existente na Casa do Pilar de Ouro Preto, bem como de seu minucioso *Relatório decenal*, feito na impossibilidade de se apresentar diante do Papa em 1757, notamos na atuação do primeiro bispo o esforço para desenvolver ritos “segundo a melhor norma do Cânon”, conformados à visão tridentina.³³ Afeito ao decoro, à pompa, no sentido de luxo e hierarquia, prescrevia que os ritos em geral, mesmo aqueles feitos pelas irmandades leigas, deveriam acatar o cerimonial da Sé, que passava a assumir doravante o papel de modelo. Nesse sentido, D. frei Manoel da Cruz se empenhou para desbastar as improvisações e particularidades que o culto assumia e que ele bispo considerava às vezes prejudicar o sagrado. Portanto, os vigários e capelães ativos no antigo Bispado de Mariana que, em 1757, compreendia 43 igrejas paroquiais e 289 capelas a elas filiadas, deveriam seguir o cerimonial padronizado pelo bispo, inclusive o da Semana Santa, através de edito pastoral para que “*se cumprissem todos estes ritos de devoções exatamente do mesmo modo como devem ser feitos em cada paróquia*”.³⁴

O Santíssimo da antiga Vila de São José del Rei já existia em 1710, realizando festividades semelhantes.³⁵ Em Tiradentes, o culto à Paixão desdobrou-se de modo singular, não só no âmbito da Igreja Matriz de Santo Antônio, como ainda suscitando novas irmandades e templos no oitocentos. Sob a proteção daquela igreja paroquial, estabeleceram-se e construíram altares próprios as irmandades dos Passos (1730), Senhor do Bom Jesus do Descendimento (1730), Caridade dos Escravos de Nossa Sr^a. da Piedade (1747) e a de Nossa Sr^a. das Dores (1802), que parece ter emigrado para a Capela de São João Evangelista. Assim sendo, a nave paroquial até hoje é dominada por três altares com a iconografia da Paixão. A Irmandade do Bom Jesus do Descendimento edificou na Matriz consistório, sala de reuniões de confrades, colocando nele via-sacra em roca, em fins do XVIII, de concepção bastante popular, suspensa nas paredes sobre peanhas protegidas por nichos. Nesse cômodo tem-se ao centro um altar com excelente talha rococó, tendo na tribuna o Cristo Crucificado, a Virgem e São João Evangelista e

³² O fato ocorreu duas vezes, uma no ano de 1755, quando era tesoureiro o reverendo doutor João Campos Lopes Torres e o reverendo sacristão-mor Francisco Manoel da Rocha, em 1790 cf. AEAM, Inventário da fábrica da Cathedral de Mariana 1749- 1904, P16- prateleira P, fl. 14 (cf. tb fl. 35 ss, 38 ss).

³³ AEAM, Relatório do Episcopado...

³⁴ AEAM, Relatório do Episcopado... parágrafo I.

³⁵ Cf. gastos com sermões, armações e procissões in: APSAT. Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento - 1737-1760, fls. 1-145, 162-192.

ainda uma pintura no forro com o tema da verônica e instrumentos do martírio – chicote, a coluna, a lança, a coroa de espinhos, a esponja de fel, de autoria de Manoel Victor de Jesus. Não obstante Tiradentes não tenha tido ordens terceiras do Carmo e de São Francisco, não teve nada a perder para os núcleos coloniais que as tiveram, pois contou com uma surpreendente proliferação de irmandades vocacionadas à Paixão (de brancos e mulatos), que promoveram a elaboração de expressivo acervo cultural e a vitalidade das procissões que, ano após ano, atraem devotos e turistas.

Em seu Compromisso a Irmandade do Santíssimo de Caeté nada difere daquelas de mesma invocação. Seu livro de *Inventário de Alfaias*, apesar do péssimo estado, ainda permite vislumbrar o acervo de meados do setecentos, rico em prata e ornamentos.³⁶ O Inventário de Bens Móveis e Integrados (IBMI), do IPHAN, arrolou nos dias de hoje muitos desses objetos e imagens processionais ainda empregados nas cerimônias alusivas. Era uma Semana Santa feita basicamente pela Irmandade do Santíssimo e a fábrica da matriz, já que agremiações como do Senhor dos Passos e ordens terceiras não se desenvolveram naquele núcleo colonial.

A Irmandade do Santíssimo da Vila do Príncipe do Serro do Frio fazia despesas anuais com a música (feita por sacerdotes e principalmente por leigos) e sermão nas funções de Quarta-feira de Cinzas, dos Domingos da Quaresma, com destaque para o de Ramos, Quinta e Sexta-feira Santas. Nesta, fazia a Procissão do Enterro, visto que no Serro não havia a irmandade do Senhor dos Passos. Os lançamentos especificavam os gastos com a assistência, regência e instrumentistas, distinguindo inclusive os *Altos* e o canto da Verônica que era feito por homem (contralto) naqueles tempos. Em sua *História da música na Capitania*, Lange contemplou a documentação desta irmandade entre 1768 e 1819, observando que os gastos anuais com a música quaresmal foram muito altos e freqüentes até fins do XVIII, quando então tornou-se mais comum não encomendar música em razão das despesas feitas com a reconstrução da matriz.

Essa obra de Lange contemplou também a Irmandade do Santíssimo do Arraial do Tejuco, atual Diamantina, no período de 1760-1838, que também mostrou decréscimo progressivo dos gastos e até mesmo a eliminação de ritos. Nesta ele afirma: “A assistência aos Ofícios pelos sacerdotes locais nunca foi menor que 25 oficiantes, incluindo os Bradados. Em determinado instante se chegou a 31 padres, cifra extraordinária, se tivermos em conta a população do Arraial”.³⁷ O calendário festivo de fato se inflacionava com as solenidades quaresmais que iam da Quarta-feira de Cinzas, Domingos e Semana Santa, com destaque na pompa de Quinta-feira Santa. Os gastos eram expressivos: 218 oitavas, envolvendo inclusive um sermão (1775/6); 190 oitavas pela música de todas as Domingas e Semana Santa (1776/7), 150 oitavas com toda a Quaresma e Semana Santa (1777/8) etc. quantias semelhantes àquelas observadas no Serro (LANGE: 217-219). A Irmandade do Santíssimo do Tejuco fez do XVIII até primeira metade do XIX, a procissão do Senhor dos Passos, mais adequada à irmandade dessa invocação, associação entretanto que também não se desenvolveu naquele lugar.

São João del Rei foi a localidade que melhor manteve as tradições, conservando-se indiferente à Reforma litúrgica da Semana Santa datada de meados do século XX, introdutora do vernáculo nas celebrações (ANTONELLI, 1956: 108-112). Pelo novo *Ordo* todas as funções da Semana Santa poderiam ser celebradas com rito solene ou com rito simples. O solene exige a presença de três ministros sacros. Para o simples, basta o celebrante coadjuvado por leigos ou “coroinhas” devidamente preparados (ANTONELLI, 1957: 137-140). São João ainda faz, com rigorosa pompa e recolhimento, ritos totalmente esquecidos em outros lugares, como: as rasouras, curta procissão ao redor das respectivas Igrejas do Carmo e de São Francisco, no IV Domingo da Quaresma pela manhã; as três Procissões de Encomendação de Almas, com paradas em cemitérios, encruzilhadas e cruzeiros e, finalmente, portas de igrejas, à meia noite de Sextas-feiras da Quaresma, com os motetos da Paixão de Martiniano Ribeiro Bastos (1835- 1912), fundador da Orquestra do mesmo nome. Já no XIX, a Encomendação de Almas tinha assimilado o vernáculo e um tom lamentoso, que foram substituídos pelos motetos em

³⁶ ACMBH, Inventário de Alfaias- Santíssimo Sacramento da Matriz do Bom Sucesso de Caeté, 1776.

³⁷ LANGE. 1982. *História da música na Capitania Geral das Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. p. 181

latim, idênticos aos das vias-sacras e Procissão do Encontro (SOBRINHO, 1996: 55). Com a Orquestra Ribeiro Bastos, houve estímulo no sentido de se recuperar a feição erudita.

São João del Rei nunca deixou de realizar, com beleza inigualável, o Ofício de Trevas feito em Mariana até 1993, e que vem sendo recuperado em Ouro Preto. A cerimônia é longa, exigindo a presença de quem domina gregoriano e de uma orquestra. A Lira sanjoanense fundada em 1776 por José Joaquim de Miranda, bem como a Orquestra Ribeiro Bastos, foram fundamentais para a formação de músicos que compunham, com exclusividade e sem interrupção, para ordens terceiras e irmandades no XVIII, XIX e XX. A Ribeiro Bastos inclusive tem contrato especial com a irmandade do Santíssimo, que lhe dá exclusividade de atuação na Semana Santa. *As Piedosas e solenes tradições de nossa terra* (1982), feita por uma equipe da Catedral do Pilar, sob coordenação de monsenhor Paiva, reunindo em latim e português os ritos litúrgicos e paralitúrgicos quaresmais, é livro obrigatório na casa dos devotos, contribuindo decisivamente para manutenção dessa cultura elevada. A presença viva de inúmeras irmandades e das duas ordens terceiras, ativas na reciclagem de seus quadros e na contratação do serviço religioso, é outro traço típico da cidade, que, não obstante a modernização da economia, do casario e dos costumes, faz questão de cuidar de suas tradições religiosas. São João permaneceu mais alheia à catequese moderna, conseguindo a convivência positiva entre o novo e o tradicional, diferentemente de Mariana e Diamantina, dominadas na década de 90 por uma visão mais pragmática em relação ao catolicismo, com forte deslocamento para o social.

Não recusamos a ênfase no social (pobres, minorias e marginalizados) das Campanhas da Fraternidade, mas a aversão manifesta à erudição, à pompa e ao lúgubre, desenvolvida pelas novas gerações de seminaristas, sacerdotes e bispos, mesmo quando a localidade tem tradições que remontam à Colônia. A *opção preferencial pelos pobres* vê como arqueológicos e absolutamente desnecessários a pompa litúrgica, o bom latim, os dispêndios com o aspectos visíveis da fé e até a atuação das antigas confrarias, marcadas por uma concepção religiosa mais devocional do que pastoral. Há uma insensibilidade quanto às diferenças culturais de cada paróquia, colocando-se sacerdotes afeitos ao progresso em localidades que mereciam um mais experiente, com formação aberta para as Humanidades, inclusive que tenha noções de arte para ajudar a preservar os acervos. A partir da Liturgia Reformada da Semana Santa de 1955 ou *Novo Ordo*, "*perfeitamente adaptada à situação moderna*",³⁸ tomou impulso certa padronização cultural, empobrecimento ritual, musical e visual.

Relação dos Ritos das Irmandades do Santíssimo Sacramento

5 Domingos quaresmais	Sermão, música e Procissão de Passos
Quarta-feira de Cinzas	Sermão, Missa Solene e Ofício de Imposição das Cinzas*
Domingo de Ramos	Procissão de Ramos*
Quarta-feira Santa	Ofício de Trevas
Quinta-feira de Endoenças início do Tríduo Pascal)	Missa Solene (memoração da instituição do Sacramento da Eucaristia, do Sacerdócio e do Crisma), Lava-pés, Sermão do Mandato do Amor Fraternal, Desnudamento dos Altares, Procissão interna, Adoração do Santíssimo Exposto*

³⁸ KALVERKAMP. 1963. Comunhão e vigília no dia da Páscoa. *REB*. vol. 23, p. 746- 749.

Referências

- ALEIXO, OFM. 1953. Pormenores para a Semana Santa. *REB*. Petrópolis, v. 13, p. 173- 175.
- ANASTASIA, Carla M. Junho. 1998. *Vassallos rebeldes*. B. Horizonte: C/Arte Editora.
- ANTONELLI, Ferdinando. 1956. A importância e o caráter pastoral da Reforma litúrgica da Semana Santa. *REB*. Petrópolis, v. 16, p. 108- 112.
- ANTONELLI, Ferdinando. 1957. As novas modificações para a Semana Santa. *REB*. Petrópolis, v. 17, p. 137-140.
- ÁVILA, Affonso. 1967. *Resíduos seiscentistas em Minas – textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. B. Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, v. 2.
- BEKHÄUSER, Alberto. 1985. A liturgia popular da Semana Santa. *REB*. Petrópolis, v. 45, fasc. 177, p. 63-78.
- BEKHÄUSER, Alberto. 1986. Quaresma, liturgia e campanha da Fraternidade. *REB*. Petrópolis, v. 46, p. 814-822.
- BORGES, Pe. H. 1945. Sobre algumas funções da Semana Santa. *REB*. Petrópolis. Vol 5, p. 393-398.
- BOSCHI, Caio. 1986. *Os leigos e o poder*. S. Paulo: Ática.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. 1998. As Ordens 3^{as} de São Francisco nas Minas Coloniais: Cultura artística e Procissão de Cinzas. *Estudos de História/ UNESP*. Franca, v. 6 (no prelo)
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. 1993/6. Quaresma e Tríduo sacro nas Minas setecentistas. *Barroco*. B. Horizonte, vol.17, p. 209- 219.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. 1996. Irmandades mineiras e missas. *Varia História – UFMG*. B. Horizonte, vol. 16, 66-76.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. 1996. “A visão nobiliárquica nas solenidades do setecentos mineiro”. *Anais do X Encontro Regional de História*. Mariana: UFOP, p.111-122.
- CARVALHO, José G. Vidigal de. 1994. Temas de História da Igreja no Brasil. Viçosa: *Folha de Viçosa*.
- CIPRIANI, Roberto. 1987. Formes théatrales de la religion populaire: Le Christ rouge. *Archives de Sciences Sociales des Religions*. v. 64, n. 1: 65-74.
- COSTA, Martins da. 1979. As procissões na Póvoa do Varzim. *Póvoa do Varzim Boletim*. v. 18 - nº 2, p. 164- 210.
- DAMASCENO, Sueli. 1987. *Igrejas mineiras; glossário de bens móveis*. Ouro Preto: IAC/UFOP.
- DEBRET, Jean-Baptiste. 1978. *Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil*. S. Paulo: EDUSP, B. Horizonte: Itatiaia.
- GARMUS, Ludovico. 1977. Sexta-feira Santa – Pistas exegéticas. *REB*. Petrópolis, vol. 37, fasc. 148, p. 250.
- KALVERKAMP, Desidério. 1963. Comunhão e vigília no dia da Páscoa. *REB*. Petrópolis, v. 23, p. 746- 749.
- LANGE, Francisco C. 1979. *História da música nas irmandades de Vila Rica*: freguesia do Pilar de Ouro Preto. B. Horizonte: APM, Vol. 1.
- LANGE, Francisco C. 1981. *História da música nas irmandades de Vila Rica*: freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- LANGE, Francisco C. 1982. *História da música na Capitania Geral das Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. B. Horizonte: CEC.
- LECLERQ, Henri et CABROL, Fernand. 1933. *Dictionnaire D'Archeologie Chrétienne et de Liturgie*. Paris: Libraire Letouzey et ané, t. XV, 1^a partie, 1152- 1185.
- MARQUES, José. 1993. As Confrarias da Paixão na antiga arquidiocese de Braga. *Theológica*. Braga, v. 28, fasc. 2, 447- 480.
- MARTINS, Judith. 1974. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicação do IPHAN n. 27, 2 v.
- NAVARRO, Isidoro M. 1982. *La Semana Santa de Sevilla - Conformación, mixtificación y significaciones*. Sevilla: Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Sevilla.
- QUITES, M^a Regina E. 1997. *A imaginária processional na Semana Santa em Minas Gerais*: estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Luzia e Sabará. Dissertação de Mestrado. Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RAMOS, Pe. Lincoln. 1953. Aspectos da Semana Santa no Brasil. *REB*. Petrópolis, v. 13, p. 72- 86.
- RUIJS, Raul. 1977. Segunda Leitura. *REB*. Petrópolis. v. 37, fasc. 148, p. 251-253.
- REVISTA Eclesiástica brasileira. A forma das vestes sagradas. Petrópolis, 1945, v. 5, p. 508-520.

- SANTOS FILHO, Olinto R. 1982/3. Manoel Victor de Jesus, pintor mineiro do ciclo rococó. *Barroco*. B. Horizonte, v. 12: 231- 242.
- SCHMIEDER, Godofredo. 1954. Problemas artísticos e religiosos na restauração das Igrejas. *REB*. Petrópolis, v. 14, p. 7243- 730.
- SOBRINHO, Antônio Gaio. 1996. *Sanjoanidades*. São João del Rei: A Voz do Lenheiro.
- TRINDADE, Raimundo. 1941. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. R. de Janeiro: Publicações do IPHAN.
- VAZ, A. Luiz. 1983. Inéditos de História litúrgica medieval de Braga. *Bracara Augusta*. Braga. v. 37, p. 229-232.
- REVISTA Eclesiástica brasileira. Adoração na Sexta-feira Santa? Petrópolis, 1960, v. 20, p. 997.
- REVISTA Eclesiástica brasileira. Via-sacra. Petrópolis, 1961, v. 21, p. 993- 994.
- REVISTA Eclesiástica brasileira 1980. Sexta-feira Santa. Petrópolis, 1980, v. 40, p. 136-141.
- REVISTA Eclesiástica brasileira 1980. Quinta-feira Santa. Petrópolis, 1980, v. 40, p. 132- 136.

Fontes

- Significação das Ceremonias da Semana Santa e Tradução dos quatro Evangelhos por Frey Luis de Santa Maria Prado, Religioso em convento de S. Francisco do Ryo de Janeiro, Anno de 1768* (Biblioteca da Ajuda)
- Trofeo Evangelico exposto em quinze sermoens Historicos, Moraes & Paneguricos.....por Diogo d'Annunciaçam, conego secular da Congregaçao de S. Joam Evangelista, doutor em Sagrada theologia pela Universidade de Coimbra Lisboa, Oficina Miguel Deslandes. Anno 1685.
- Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia feitas, e orcxdenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide... 1707*. S. Paulo: Typographia Antonio Lousada Antunes, 1853. 2 vol.
- ARQUIVO CÚRIA METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (ACMBH):
- Inventário de Alfaias- Santíssimo Sacramento da Matriz do Bom Sucesso de Caeté, 1776.
- ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA (AEAM):
- Estatutos de Irmandades do Santíssimo Sacramento: Aiuroca/1728, Barbacena/1749, Itatiaia/1730, Mariana/1713, Piranga/1744, Rio das Pedras atual Acuruí/1734, Stª Rita Durão/ 1736.

Outros

- Pastorais, Livro W 41.
- Relatório do Episcopado de Mariana à Sagrada Congregaçao do Concílio de Trento.- 1757. RODRIGUES, Mons. Flávio C. O relatório de Dom Frei Manoel da Cruz à Santa Sé (1757). In: *O Arquidiocesano*, 1130-1133 (latim); 1137 (trad. de Mons. Flávio C. Rodrigues) in: Arquivo I, l. gaveta- Dom Frei Manoel da Cruz.
- ARQUIVO PAROQUIAL DE N. SRª DO PILAR DE OURO PRETO (APNSP)
- Irmandade do Santíssimo Sacramento:
- Estatutos /1738, Inventários 1718/ 1802, Receita e Despesa 1721-1744, Termos e Acórdãos 1712/ , Inventários 1815- 1886, Receita e Despesa 1892- 1927.
- Irmandade do Senhor dos Passos:
- Documentação Avulsa da 1744/1872, Receita e Despesa 1716/1736, Receita e Despesas 1737- 1777, Receita e Despesa 1744- 1914, Assentamento de Irmãos, Eleições e Inventários 1737- 1791
- ARQUIVO PAROQUIAL DE N. SRª. DA CONCEIÇÃO DE ANTÔNIO DIAS DE OURO PRETO (APNSC)
- APNSC, Ordem Terceira de São Francisco de Vila Rica - Avulsos 1744- 1816, 30/01/ 1763.
- ARQUIVO PAROQUIAL DE SANTO ANTÔNIO DE TIRADENTES (APSAT):
- Irmandade do Santíssimo Sacramento:
- Receita e Despesa 1737- 1760, Receita e Despesa 1823- 1859.
- Irmandade do Senhor dos Passos:
- Receita e Despesas - 1733- 1851, Receita e Despesa 1812- 1859.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM):
- Estatutos de Irmandades do Santíssimo Sacramento:



Caeté/1745, Nova Lima (Congonhas do Sabará)/1725, Tiradentes, 1722.

Outros:

CMOP, códice 42- 1740- 1742.

ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DO PILAR, OURO PRETO

Copiador de cartas de D. Frei Manoel da Cruz- 1739-1762.